

PARQUE FARROUPILHA: MEMÓRIAS DA CONSTITUIÇÃO DE UM ESPAÇO DE LAZER EM PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL – BRASIL

FARROUPILHA PARK: MEMORIES OF THE CONSTITUTION OF A LEISURE SPACE IN PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL – BRASIL

Marco Paulo Stigger*
Fernanda Melati**
Janice Zarpellon Mazo***

RESUMO

A cidade, neste estudo, é vista como objeto de análise e tema de reflexões. Nesta perspectiva, busca-se compreender como o Parque Farroupilha se constituiu em espaço de lazer na cidade de Porto Alegre. Para tanto foi realizada uma pesquisa histórica a partir de fontes impressas, como mapas e documentos oficiais, e de parte da literatura disponível sobre a história de Porto Alegre e do Parque Farroupilha. O estudo permitiu perceber as mudanças ocorridas e os elementos que permanecem no parque, proporcionando a compreensão de como este espaço - inicialmente um terreno alagadiço e sem uso determinado - se constituiu no que é hoje, um importante local de lazer “da cidade”.

Palavras-chave: Memória. Parque. Lazer. Espaços de sociabilidade.

INTRODUÇÃO

A cidade de Porto Alegre é reconhecida nacionalmente pela quantidade de praças e parques públicos destinados ao lazer de sua população. A primeira praça foi implantada no final do século XIX, período em que, concomitantemente, outros espaços públicos, como os parques, foram gradualmente ocupados pela população, com vistas ao lazer e outras diversas formas de sociabilidade. Entre estes espaços destaca-se o Parque Farroupilha, conhecido popularmente por Parque da Redenção. Tal denominação deve-se ao fato de que, anteriormente à denominação oficial, o referido espaço era assim chamado em homenagem à libertação dos escravos em Porto Alegre.

O Parque Farroupilha está localizado próximo ao centro da cidade, situado entre os bairros da Cidade Baixa e do Bom Fim, e possui

grande dimensão, correspondente a cerca de 30 hectares, distribuídos em forma trapezoidal, sendo contornado pelas avenidas João Pessoa, José Bonifácio e Osvaldo Aranha, como também pelas ruas Setembrina e Luís Englert. Além da sua localização e dimensões privilegiadas, tal espaço, atualmente, chama a atenção pelo grande fluxo de pessoas que por ele transitam, em especial nos fins de semana.

A sua área é ocupada por um público diversificado que circula nos diferentes lugares oferecidos pelo Parque Farroupilha, apropriando-se destes de formas também diferentes. Entre seus numerosos atrativos possui um lago para passeios de barquinho, diversas quadras esportivas para a prática do basquetebol e voleibol, uma pista de atletismo, um campo de futebol, locais apropriados para caminhadas, corridas e passeios de bicicleta, quadras de bocha, um parque infantil, um *mini zoo*, uma cafeteria,

* Professor Doutor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

** Professora de Educação Física, graduada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*** Professora Doutora do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

um auditório, um orquidário e cinco recantos temáticos (MENEGAT, 1999).

A diversidade dos espaços que o compõem faz do Parque Farroupilha um lugar atravessado por diversos significados que, ao mesmo tempo, opõem-se e se complementam. Assim, se há a tranquilidade oferecida por alguns recantos, há também, em uma de suas esquinas, entre as avenidas Oswaldo Aranha e José Bonifácio, a movimentação característica do Mercado do Bom Fim. Este, inclusive, é um dos locais onde se desenvolvem atividades de comércio, já que ali se localizam lojas e bares muito frequentados pelos moradores do bairro e pela população que faz visita nos fins de semana. Especialmente aos sábados, domingos e feriados são realizadas na Rua José Bonifácio as feiras ecológica, de artesanato e de antiguidades. Na feira ecológica são vendidos produtos cultivados sem o uso de agrotóxicos, enquanto nas feiras de artesanato e antiguidades – conhecidas como Brique da Redenção – são comercializados inúmeros produtos artesanais.

Cada um dos lugares do Parque Farroupilha, seja enquanto opção de comércio seja de diversão, tem suas peculiaridades quanto à ocupação, horários e público que lhes dão significados particulares. Não apenas porto-alegrenses, mas também visitantes de outras cidades, principalmente nos finais de semana, apropriam-se do seu universo social e compartilham de suas manifestações sociais, culturais e até mesmo políticas. Em épocas de campanha eleitoral os seus gramados transformam-se em arenas políticas, servindo aos partidos que, significando-os como um espaço de manifestação, fazem “panfletagem”, inclusive com a presença de artistas convidados.

Como pode ser identificado a partir da breve descrição acima, o Parque Farroupilha é um lugar de relevância social para a população da cidade: para além de espaço de lazer de Porto Alegre, transformou-se em palco de diferentes manifestações sociais e culturais. Atualmente caracteriza-se como um grande espaço de sociabilidade urbana, o que nos permite considerá-lo como o Parque da Cidade, pelo fato de que se diferencia dos demais – que são frequentados geralmente por moradores próximos –, por ser um local que agrega pessoas dos diferentes bairros da

capital e, até mesmo, de cidades próximas a Porto Alegre.

Cumpra observar que o Parque Farroupilha não foi sempre assim. No princípio do século XIX constituía-se em um terreno alagadiço e sem uso determinado. Foi apenas na década de 1940 que esse espaço passou por transformações significativas, as quais, em certa medida, construíram práticas e representações culturais de sua identificação como o Parque da Cidade. Se, por um lado, os caminhos percorridos pelo Parque Farroupilha foram marcados por muitas resistências e descontinuidades, por outro, foram atravessados por rupturas e mudanças.

Diante do exposto, o objetivo do estudo é compreender como ocorreu a apropriação do Parque Farroupilha como espaço de lazer da cidade de Porto Alegre no período demarcado das décadas de 1930 e 1940. Deste objetivo advêm as seguintes questões norteadoras do trabalho: Quais mudanças na infraestrutura ocorreram no seu espaço com vistas a constituirlo numa área de lazer da cidade? Quais foram os protagonistas que influenciaram este processo de transformação? Qual é a relação deste processo com os aspectos históricos do desenvolvimento de Porto Alegre?

Para a execução da pesquisa foi realizada uma consulta nas seguintes fontes impressas: mapas, documentos oficiais (legislação e outros), livros sobre a história de Porto Alegre e do Parque Farroupilha, enfim tudo aquilo que possibilitasse contar sua história ampliando a perspectiva historiográfica. Estas fontes históricas foram submetidas à análise documental (BARDIN, 1977), tendo como fio condutor os acontecimentos relacionados ao Parque Farroupilha. Realizou-se, por fim, a articulação das referidas fontes com a obra de autores que se ocupam em discutir a temática do espaço e da cidade, em face da necessidade de compreender a realidade do Parque Farroupilha inserida no contexto maior da cidade, já que este está diretamente relacionado com os aspectos que rodeiam a questão da vida urbana.

CIDADE, ESPAÇO E HISTÓRIA

A cidade é um fenômeno complexo, como mostra Barros (2007) em seu mapeamento acerca dos principais estudos que analisam o

espaço urbano. A emergência de um novo olhar sobre o espaço urbano requer o estabelecimento de diálogos interdisciplinares com vista a considerar as várias dimensões que envolvem a cidade. Dialogar com a história permite avistar que as formas e a funcionalidade da cidade modificam-se historicamente e nos seus espaços constroem-se práticas e representações culturais (BURKE, 2005) que atribuem significados ao urbano. A cidade cria pertencimentos e exclusões, construindo espaços, sujeitos/atores e práticas que se definem no e a partir do fenômeno urbano.

No fim do século XIX a cidade se coloca como um problema, sendo o lugar onde as coisas acontecem (PESAVENTO, 1999a). Com o aprofundamento dos processos de industrialização e urbanização, a vida de seus habitantes se altera em relação ao trabalho, tempo, espaço, produção, sustento da família e todas as novas necessidades trazidas pela vida urbana. A cidade torna-se um *locus* privilegiado de produção e difusão de hábitos, valores e produtos.

Neste contexto, as praças e os parques públicos vinculavam-se a mudanças da cidade, onde, em consequência do processo de desenvolvimento, acabou-se também por destruir progressivamente a natureza, o que impôs a necessidade de repor os elementos ameaçados e de preservar aqueles não atingidos pela urbanização. A construção de tais espaços – para além das expectativas higienistas, que tinham objetivos voltados para a saúde pública (SENNET, 1997) – vinculava-se à preocupação de suprir as necessidades de lazer.

Tanto as praças quanto os parques são utilizados de formas diferentes pelo público diversificado que os frequenta, carregando dessa maneira a representação que cada pessoa faz desses diferentes lugares como espaços de lazer. Pesavento (1999b) afirma que o espaço tem por missão dar significado ao tempo e à história. O espaço tem sido considerado como o universo por excelência das significações e das representações (RÉMY; VOYÉ, 1992). As pessoas que vivenciam esses espaços dão significados por onde passam e para cada uma delas existe uma significação diferente, dependendo do que viveram e do que se passou no momento em que elas estavam naquele

espaço. É possível ver essas escolhas da população, para o seu lazer, em diferentes reportagens de jornal Zero Hora (19/09/1995) e nos autores que já trabalharam com a história do Parque Farroupilha como, por exemplo, FEIX (2003) e LUZ (1999).

Segundo Rémy e Voyé (1992), a cidade é um lugar que estrutura, coordena e organiza os vários campos de atividade que se encontram no interior de si mesmo. O mesmo se pode dizer em relação à Parque Farroupilha. Este espaço, ao longo de sua história, vem sendo objeto de uma escolha constante da população para o seu lazer. Se não fosse por tal escolha, já teria sofrido as diversas transformações que, inspiradas por outros objetivos que não as práticas de lazer, lhe foram sugeridas, como, por exemplo, a colocação de cercas para uma maior conservação e preservação, o loteamento de uma determinada área, entre outras.

As escolhas da população somente são possíveis porque o Parque Farroupilha é público e destinado às atividades de lazer. Um espaço passa a ser visto como público quando é acessível a qualquer pessoa e, eventualmente, em qualquer altura; é considerado como privado quando o acesso é reservado a um grupo específico que o controla (RÉMY; VOYÉ, 1992). Em espaços públicos estão inscritas, ao mesmo tempo, a história pessoal e a história coletiva da população. Para a maioria das pessoas, os espaços públicos são valorizados como espaços social e ideologicamente neutros, ao passo que o espaço privado é visto como lugar de desenvolvimento de todas as distinções e preconceitos.

Por ser um espaço público, o Parque Farroupilha pode passar por diversas transformações que foram pensadas pelos governantes e pela população de diferentes épocas, sendo que cada mudança assumiu um significado particular para os que acompanharam e viveram aqueles tempos. É interessante destacarmos que, neste sentido, as pessoas de determinada época, que possuem uma formação semelhante, têm entre si uma identidade formada em relação ao tempo que viveram em comum. Assim, também as transformações ocorridas têm algo em comum com a identidade dessas pessoas, o que não

exclui as disputas e confrontos na própria comunidade.

Para Macedo (1968), o conhecimento da formação dos espaços abertos tem a mesma propriedade. Nos anos que viram o surgimento e as transformações dos espaços em questão viveram pessoas que as quiseram de determinada forma para determinado fim. A relação entre a finalidade e a forma revela um momento da cultura que Porto Alegre estava vivendo, que é também o reflexo da luta pela vida e pelo progresso. Essa relação oferece correspondência entre o homem e o espaço porque, de certa forma, um explica o outro.

Em meio a esse processo, muitos projetos e planos de melhoramentos se sucederam em diferentes espaços urbanos, e o que nos chama a atenção para esse trabalho é a relação que o Parque Farroupilha, em particular, estabeleceu com a vida dos porto-alegrenses daquela época. Nesse caminho, a história desse lugar conta a história dos homens que viveram na época em que o seu espaço sofreu as maiores transformações. Tais pessoas, por sua vez, quiseram-no de determinada forma e para o fim que ele possui até hoje: o de ser uma vasta e bela área verde da cidade, utilizada para o lazer e para as diversas formas de sociabilidade por este sustentadas.

DOS CAMPOS DA VÁRZEA AO PARQUE FARROUPILHA

A história do Parque Farroupilha se confunde, a um só tempo, com a história de Porto Alegre e com a vida das pessoas que a habitam. É inegável sua relevância como área de lazer, como espaço público e como ponto de encontro para a população da cidade. Esse espaço começou a se constituir no início do século XIX, mais especificamente em 1807, quando o governador do Rio Grande do Sul Paulo da Silva Gama o doou à população da cidade. Naquele momento, os então chamados Campos da Várzea do Portão, um espaço abandonado, alagadiço e sem uso determinado, teve sua ocupação como logradouro público e posteriormente se constituiu em um parque.

A região doada correspondia a uma grande planície alagadiça que começou a ser ocupada como logradouro público e para conservação do

gado trazido do interior para o abastecimento dos açougues locais. Este grande logradouro, com aproximadamente 69 hectares de terra, estendia-se desde o terreno da atual Praça Argentina, ao norte, até o alinhamento da atual Avenida Venâncio Aires, na direção sul (MACEDO, 1968).

De acordo com Macedo (1973), a marcação dos limites dos Campos da Várzea parece ter sido feita dentro das três primeiras décadas do século XIX. Nessa época atuava como engenheiro provincial José Pedro César, que, entre outros trabalhos, executava a planta da cidade, recebida pela Câmara em 14 de setembro 1825. Na planta figurava um projeto de drenagem dos Campos da Várzea que, segundo o mesmo autor, (1968) visava atender às pretensões da Câmara de Vereadores de lotear a área.

Os vereadores, para alcançar as suas pretensões, pedem então ao governador da época, José Feliciano Fernandes Pinheiro, a doação de várias áreas que foram devolvidas ao governo, para loteá-las e vendê-las juntamente com os Campos da Várzea. Essa venda serviria como uma forma de adquirir recursos para construção de uma cadeia e manutenção de expostos, como, por exemplo, o lixo. Sendo assim, o governo precisou intervir a favor do Parque Farroupilha para que sua área não fosse loteada para a população.

Após essa tentativa dos vereadores de lotear a área, o governador da província tomou uma decisão que foi muito importante para os Campos da Várzea, no sentido de que suas terras ficassem resguardadas das construções civis, passando o local a ser destinado para exercício e parada das tropas militares. Em 1827 essa decisão teve a confirmação de D. Pedro, para quem já era ponto passivo tal preocupação de resguardar a área, pois já existiam pessoas e, principalmente, empresas interessadas na compra do terreno para loteamento e construção de moradias.

Como Porto Alegre estava crescendo e necessitando de terrenos para novas casas, a incorporação de novos espaços a serem urbanizados abriu-se como um novo campo de lucro para os capitalistas, que estavam investindo no setor imobiliário, loteando as áreas antes distantes do centro da cidade, e agora

valorizadas por causa da expansão urbana (PESAVENTO, 1999a). No mesmo passo e, também em razão do crescimento da cidade, surgia a preocupação com a ocupação irregular da área dos Campos da Várzea (FRANCO, 1998).

Em junho de 1883 essa preocupação com os Campos da Várzea foi levada à tribuna pelo vereador Pinto de Souza, que propôs a transformação do espaço num jardim botânico e passeio público, o que não foi aceito, pelos altos custos que demandaria sua realização (MACEDO, 1968; ISABELLE, 1946). Se, por um lado, aparecia uma preocupação em construir um espaço de entretenimento da população, por outro havia o interesse de lotear os terrenos que ficassem fora deste passeio público promovendo sua venda a particulares. Em relação a esta última, a reação veio em seguida: “em sessão de 31/07/1833, leu-se na Câmara requerimento assinado por 20 cidadãos pedindo que se mandasse sustar a arrematação ou venda dos terrenos” (FRANCO, 1998).

Depois de anos sem discussões sobre a área dos Campos da Várzea, o tema volta à tona com o primeiro grande desmembramento do terreno. Essa alteração da área ocorreu em 29 de abril de 1872, com sua destinação à construção de um quartel, que só foi concluída 15 anos mais tarde, em 1887. Após esse período, tal construção sofreu adaptações, tendo sua destinação alterada para abrigar uma escola militar, que existe até os dias de hoje. Anos depois, toda a faixa de terra próxima à referida escola acabou sendo loteada, tendo sido utilizado como argumento que a verba obtida com o loteamento custearia a reforma do Parque Farroupilha (FRANCO, 1998).

Após o loteamento dessa área, foi estruturada a Avenida José Bonifácio, que atravessa o Parque Farroupilha desde a Avenida Oswaldo Aranha até a Avenida João Pessoa, constituindo-se em uma rua paralela à Avenida Venâncio Aires. Toda esta faixa de terra entre a Avenida José Bonifácio e a Avenida Venâncio Aires representa 19,1% da área total do antigo “Potreiro da Várzea” (MACEDO, 1973). Na época desse desmembramento, a área do antigo “Potreiro” teve algumas utilizações que não são muito referidas pelos autores. Havia a intenção de fixar uma estação terminal da ferrovia no

meio da “Várzea”, como também a utilização deste espaço para depósito de lixo urbano, em 1887, e para a secagem de couro ao sol, em 1890.

O processo de transformação econômico-social que a cidade atravessava no final do século XIX impunha o aprimoramento de suas elites e a profissionalização de sua mão-de-obra. Assim, surgem em Porto Alegre o Instituto Parobé, destinado à formação de operários qualificados, o Instituto Júlio de Castilhos, para formar os jovens que se preparavam para ingressar na faculdade, e as instituições de ensino superior. Foi quando, na transição do século XIX para o século XX, a área começou a perder seus terrenos para a construção dos prédios da Escola de Engenharia, Escola de Medicina e a Faculdade de Direito, as quais atualmente integram a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PESAVENTO, 1999b). Para a implantação destes centros de formação educacional foi preciso ocupar e lotear mais uma área do Parque Farroupilha (SANMARTIN, 1969). Com a construção desses centros, a área agora correspondente ao *Campus* Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul equivale a 13,9% do total do antigo local dos Campos da Várzea medido em 1825. Outros 4,36% do terreno foram retirados do Parque Farroupilha para a construção do prédio que abriga o atual Instituto de Educação Flores da Cunha, localizado entre as avenidas Oswaldo Aranha, Setembrina e Paulo Gama (MACEDO, 1973).

Com base no que foi referido, constata-se que o Parque Farroupilha constituiu-se no que é hoje, quanto à delimitação da sua área, após um processo concorrencial que se estendeu por cerca de um século. Observa-se, também, que sua área atual é resultado de diferentes interesses e disputas no que se refere à sua utilização, mas parece que, mesmo com a perda - para diversas finalidades - de algumas parcelas do que era a sua área inicial, a sua destinação como área de lazer, em alguma medida, acabou sendo preservada.

Durante todos esses anos de existência, desde a doação de sua área à população da cidade até sua constituição em espaço destinado ao lazer, o Parque Farroupilha passou por vários nomes: Várzea do Portão, Potreiro da Várzea,

Campos da Várzea, Campos do Bom Fim, Campo da Redenção e Parque Farroupilha. Todos estes nomes, atribuídos a seu tempo e lugar, balizam a história desse espaço e a própria história daqueles que ali conviveram. Além dos referidos nomes, Macedo (1968) ressalta que os manuscritos, documentos, mapas, plantas e lendas vão fazendo o resto na linha onde distribuímos pessoas e coisas que fizeram a cidade.

A primeira denominação oficial foi dada em 26 de abril de 1870, quando passou a se chamar Campo do Bom Fim, em provável decorrência da construção da capela do Senhor do Bom Fim, na atual Rua Oswaldo Aranha, assim como das festas religiosas que ali se realizavam (FRANCO, 1998). O nome Campos da Redenção foi dado em sete de setembro de 1884, por ocasião da libertação dos escravos da cidade. Segundo relatos encontrados (COELHO, 1935), os negros africanos livres tinham associações, as quais chamavam “Candomblé”, que realizavam danças ao ar livre no espaço da chamada Várzea. Essas danças eram marcadas pelos cantos dos bailarinos e por toques de tambores e de alguns instrumentos próprios. Assim, o nome Redenção, hoje enraizado na memória do povo, deveu-se ao fato de os escravos de Porto Alegre terem obtido sua libertação quatro anos antes que os do restante do país, fazendo permanecer, mesmo depois da oficialização como Parque Farroupilha, seu conhecimento mais popularizado como Redenção (MACEDO, 1968).

O Parque Farroupilha teve sua última denominação dada pelo prefeito Alberto Bins, que em 19 de dezembro de 1935, numa homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha, assinou um decreto determinando a oficialidade da denominação ao logradouro que até então era conhecido como Campos da Redenção (MACEDO, 1968, 1973; FRANCO, 1998; SANMARTIN, 1969). Foi a partir de 1890, como consequência do crescimento industrial e da chegada de imigrantes, que a cidade se desenvolveu tanto no aspecto demográfico quanto no perfil urbanístico. A partir desse momento, a comunidade e os governantes passaram a dar maior atenção ao Parque Farroupilha (PESAVENTO, 1999a), que desde então passou a ser visto como um espaço

de lazer e sociabilidade e lugar para a realização de eventos.

O PARQUE FARROUPILHA TORNA-SE PALCO DE EXPOSIÇÕES

No final do século XIX instalaram-se, no que hoje é o Parque Farroupilha, um circo de touradas e um velódromo, os quais eram vistos como as principais diversões da população naquela época. O circo de touradas localizava-se em frente à atual Rua da República e o velódromo situava-se no terreno da atual Faculdade de Arquitetura. Por volta de 1895, a bicicleta, na época chamada de velocípede de duas rodas, começou a ter ampla aceitação entre os jovens. Nesse período foi construído o velódromo da Várzea em terreno locado do município, tendo sua inauguração em 19 de novembro de 1899, com a presença de altas autoridades e um grande público. Dessa forma, a bicicleta tornou-se um meio a mais de prática de lazer dos moradores da cidade, que utilizavam o espaço do futuro parque para essa prática (SPALDING, 1967).

Junto com as iniciativas no âmbito do lazer que estavam sendo realizadas no Parque Farroupilha, ocorreram dois eventos que foram fundamentais na ocupação desse espaço: as Exposições de 1901 e de 1935. O acontecimento primordial do ano de 1901 foi a primeira e grande Exposição Estadual do Rio Grande do Sul, inaugurada a 24 de fevereiro para mostrar o desenvolvimento do Estado, com mostra de animais, produtos agrícolas e industriais (SANMARTIN, 1969). A entrada principal da Exposição ficava ao lado da atual Escola de Engenharia, na Praça Argentina. Esta promoção, que atraiu o público do comércio e da indústria e contou com a participação de 2.200 expositores, transformou Porto Alegre em um centro de atrações (MACEDO, 1968).

A grande área para a exposição foi cortada por uma curta rua interna que ligaria a Rua da Conceição com a Rua Avaí, as quais ficaram povoadas por pavilhões que representavam as cidades de Santa Cruz, Pelotas, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Uruguaiana, Montenegro, Caxias do Sul, entre outras. Os pavilhões foram distribuídos por toda a área sem qualquer preocupação de zoneamento e circulação que

facilitasse a visitação (MACEDO, 1968). As sobras de terreno foram preenchidas com triângulos gramados ou canteiros e jardins, que continuaram a ser cuidados mesmo após o término do evento. Esta exposição não deixou muito de seu traçado ao atual Parque Farroupilha, mas foi o início de seu ajardinamento e processo de iluminação de diversos espaços. A Exposição do Estado, de 1901, foi um acontecimento marcante nos anais do governo nesse primeiro ano do novo século (FRANCO, 1998).

Se foi dispensada uma considerável atenção à área do Parque Farroupilha destinada à Exposição de 1901, o restante do espaço permaneceu descuidado até a Exposição do Centenário Farroupilha, inaugurada, festivamente, em 20 de setembro de 1935. Esta exposição ocupou toda a área do Parque Farroupilha, que estava completamente abandonada, embora estivesse em andamento o projeto para sua urbanização. Foi o caso do prédio do Instituto de Educação, que ainda estava incompleto: faltavam-lhe os acabamentos do edifício, mas, mesmo assim, foi inteiramente ocupado pelo setor cultural do evento (SPALDING, 1967).

A festa em homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha foi organizada ao mesmo tempo em que se realizava a grande Exposição. Nesta participaram diversos estados brasileiros, construindo pavilhões no local: foram erguidos pavilhões para oito estados, um para nações estrangeiras, tendo apenas o Uruguai como participante, e vários pavilhões para o Rio Grande do Sul. O maior deles, no entanto, era o da indústria gaúcha, que ocupava um espaço de 60 por 230 metros.

Para abranger a grandiosidade do evento a cidade e, principalmente, a área do Parque Farroupilha sofreram algumas modificações: construção de um pórtico, de um lago artificial e de dois cassinos. Destes, um era destinado à elite e o outro à população em geral. Para se ter uma ideia de como esse evento movimentou a cidade, ocorreu uma superlotação dos hotéis antes da data de início da Exposição. Cabe a ressalva que um ano antes o governo havia criado políticas de incentivo à hotelaria, visando aumentar a capacidade de hospedagem.

Com a participação de um total de 3.122 expositores de todo o país, a Exposição foi visitada por cerca de um milhão de pessoas, sendo que, na ocasião, a população de Porto Alegre era de aproximadamente 250 mil habitantes (MACEDO, 1968). A iluminação da cidade contava com 4.482 lâmpadas e somente no evento foram utilizadas 28.289. Essas informações revelam, de certa forma, a grandiosidade e a importância que esta exposição teve para a cidade (FRANCO, 1998). A Exposição do Centenário Farroupilha foi encerrada festivamente, com a inauguração do monumento a Bento Gonçalves da Silva, a 16 de janeiro de 1936 (SPALDING, 1967).

Com a promoção desta grandiosa Exposição, o governador do Estado na época, General Flores da Cunha, desejava, ao mesmo tempo, promover-se simbolicamente diante da população e reforçar a integração do Estado com o restante do país, pela ideia de que a Revolução Farroupilha não havia sido separatista. Além destas, outra finalidade era mostrar aos demais estados que a economia do Rio Grande do Sul não se limitava à agropecuária (MACEDO, 1968).

A comemoração do Centenário da Revolução Farroupilha foi organizada e realizada com êxito surpreendente, tornando-se um dos grandes orgulhos da administração do então prefeito de Porto Alegre, Alberto Bins. Conforme afirma Spalding (1967), as opiniões dos visitantes de outros estados e do Exterior, que se deslumbraram ao visitar a exposição em Porto Alegre, foi de que esta superou, em muitos aspectos, a grande Exposição do Centenário da Independência do Brasil realizada no Rio de Janeiro, em 1922.

Sem dúvida alguma este evento foi decisivo para a história do Parque Farroupilha e para sua reserva definitiva com área de lazer para a população. Nesta ocasião, toda a área foi preparada para o acontecimento, recebeu tratamento paisagístico, aterro geral, sendo drenada e ajardinada. A parte sul, que continuava abandonada até então, também foi preparada para o evento. Esta exposição, segundo Franco (1998), transformou a Redenção numa espécie de “ilha da fantasia”, capaz de proporcionar aos porto-alegrenses a ilusão de

que embarcavam numa maravilhosa era de modernidade.

Apesar de o evento ter terminado em dezembro de 1935, os pavilhões continuaram erguidos até 1937. Toda a área do Parque Farroupilha tinha sido aproveitada com a construção de grandes pavilhões de estoque provisórios, entre belos conjuntos de praças e jardins. A organização do local, segundo o projeto de João Moreira Maciel e atualizações do urbanista francês Agache, estava praticamente finalizada. Restava, pois, preencher alguns vazios deixados pelos pavilhões e o grande Parque Farroupilha apareceu, em 1938, com toda a pujança e beleza que ainda hoje ostenta.

Com a desmontagem da exposição, o Parque Farroupilha estava semi-implantado, só faltando completar o desenho proposto por Agache, que serviria de base para o plano da exposição (OLIVEIRA; LUZ, 2000). No início da década de 1940 o arquiteto Arnaldo Gladosh foi contratado para trabalhar no Plano Diretor de Porto Alegre, no qual estava incluído o Parque Farroupilha. Agache, ao detalhar seu projeto, acrescentou alguns recantos e jardins, alterando a ideia original, mas na construção destes recantos ficou faltando uma articulação com o traçado geral do lugar, pois estes consistiram em unidades que, em si, ficaram desconectadas da grande área (MACEDO, 1973).

Das obras executadas para a Exposição do Centenário, hoje restam no Parque Farroupilha o pequeno belvedere, o embarcadouro e o Instituto de Educação, que foi o pavilhão cultural da exposição. O pavilhão do Pará permaneceu até 1970, quando um incêndio destruiu uma das alas, bem como a documentação sobre o Parque Farroupilha, que fora arquivada nesse espaço. Uma obra importante realizada foi a construção do Arco do Triunfo ou Monumento ao Expedicionário, inaugurada em 1953 (OLIVEIRA; LUZ, 2000).

Em seguida serão abordadas transformações pensadas e executadas na área do Parque Farroupilha que, como os projetos e os planos de melhoramentos, emergiram no período de realização das duas exposições, a de 1901 e a de 1935.

PROJETOS E PLANOS DE MELHORAMENTOS DO PARQUE FARROUPILHA

No que se refere ao traçado, o Parque Farroupilha foi objeto de uma série de intervenções e projetos. O período compreendido entre os anos de 1890 e 1945 foi marcado por muitas mudanças no que se refere à estrutura urbana de Porto Alegre, entre as quais estão incluídas aquelas ocorridas na área do Parque Farroupilha (OLIVEIRA; LUZ, 2000). Para um melhor entendimento, Souza e Muller (1997) dividiram este período em dois estágios: o primeiro corresponde às administrações de José Montauray (1897-1924), Otávio Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1937), e o segundo, à administração de Loureiro da Silva (1937-1943).

Na primeira destas administrações o arquiteto Moreira Maciel elaborou, em 1914, o primeiro plano urbanístico de caráter abrangente, no qual estava incluído o projeto inicial para o Parque Farroupilha, que fora encomendado pela Comissão de Melhoramentos e Embelezamento da capital. Na época em que foi realizado o projeto já existiam, no quarteirão da Rua Sarmento Leite (onde foi realizada a Exposição de 1901), o Instituto Eletrotécnico, o Colégio Júlio de Castilhos (atual Faculdade de Ciências Econômicas), a Faculdade de Direito e a Faculdade de Medicina (SANMARTIN, 1969).

O arquiteto João Moreira Maciel indicava em seu projeto o retalhamento da área em nove quarteirões, prolongando as vias de tráfego no interior do Parque Farroupilha, formando assim, nos espaços internos destes prolongamentos, praças separadas por pequenas ruas. Os caminhos que conduziam às nove praças em que fora dividido o campo eram delimitados por canteiros de diferentes tamanhos. Além disso havia espaços para repouso, pérgulas, áreas sombreadas e quatro prédios.

Nesse projeto do arquiteto Maciel o referido retalhamento parece indicar um grande perigo de loteamento da área, visto que naquele mesmo ano foi loteada a área do Parque Farroupilha no alinhamento do Colégio Militar, como já foi referido; mas esse projeto de retalhamento não chegou a ser executado, pois em seu cerne não figurava a ideia de uma unidade para o Parque Farroupilha.

Mais tarde, na década de 1930, foi encomendado outro projeto para o aproveitamento do Campo da Redenção, desta vez ao arquiteto Alfredo Agache. O anteprojeto de Agache partia de uma estrutura rígida de eixos na qual se contrapunham formas sinuosas periféricas (LUZ, 1999). Este novo traçado desfazia o retalhamento de campo proposto por Maciel e tomava como diretriz o eixo monumental. O mérito deste projeto foi ter pensado o Parque Farroupilha de uma maneira total, procurando integrá-lo numa unidade, enquanto o outro o dividia em nove pequenas praças.

Esse novo projeto de embelezamento da área foi pensado para preparar o Parque Farroupilha para a Exposição de 1935, em homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha, a Guerra dos Farrapos. Para Macedo (1973), é evidente que, para essa finalidade, o projeto de Agache não poderia ser totalmente implantado. A necessidade de locar os muitos pavilhões e áreas de recreação específica para uso durante a festa, acrescida dos caminhos e órgãos de administração, limitou a adoção daquele projeto. Mesmo a admissão das grandes linhas do traçado deveria levar em conta o propósito da exposição, pois ali haveria, em poucos dias, uma exagerada circulação de pedestres. Considerando-se esta situação, o que ocorreu foi o desenho de uma grande avenida de pedestres (grande eixo) no prolongamento da Rua Santana com o prolongamento da Rua da República e o grande lago.

Este lago, construído artificialmente na década de 1930 por um dos grandes caminhos, foi um dos elementos garantidores da unidade da composição, bem como do surgimento dos recantos mais pitorescos (MACEDO, 1968). Se outrora foi palco de competições de natação e polo aquático entre os clubes de Porto Alegre (MAZO, 2003), atualmente o grande lago é um espaço privilegiado para diversas atividades, como os passeios de pedalinhos, o encontro de casais de namorados e o divertimento de pessoas que alimentam os peixes e tartarugas. Ele faz parte do que poderia ser denominado de Espaços de Água do Parque Farroupilha, conjunto este que inclui o chafariz ou fonte luminosa e a piscina artificial, também denominada de Espelho D'água.

Esses espaços, além de serem objeto de admiração por parte dos frequentadores, muitas vezes são utilizados por crianças, que, apesar da proibição, neles se banham durante os dias quentes de verão, como observaram Bins e Stigger (2002) em investigação sobre os usos do que denominaram de o Caminho das Águas. A fonte luminosa e a piscina artificial estão localizadas no eixo central do Parque Farroupilha e o seu entorno é aproveitado para passeios e atividades físicas, assim como para a fruição das pessoas, que ali ficam sentadas nos bancos ou no gramado, tomando chimarrão com os amigos ou brincando com seus animais de estimação. Tal espaço tem uma ocupação maior nos fins de semana, quando grupos de amigos ou famílias se encontram para aproveitar o sol e passear.

As superfícies de água se articulam com os caminhos e a vegetação, compondo, assim, os diversos trajetos de que fazem uso os seus frequentadores. Entre os diversos caminhos e vegetações existem aqueles que são chamados de “recantos”, espaços bem-demarcados, que atraem o olhar pelas suas características peculiares. As suas denominações e aspectos da sua descrição foram encontrados nos documentos oficiais consultados, como *folders* da Prefeitura e o mapa do Parque Farroupilha: o “Roseiral” é um grande espaço circular com uma fonte ao centro, contornada por canteiros de roseiras; o “Alpino” é composto por uma cabana feita de pedras, envolta em trepadeiras, árvores e um pequeno córrego, que sugerem um refúgio nas montanhas dos Alpes; o “Solar”, formado por uma grande rosa dos ventos e um “relógio de solar”, tem grandes esferas de bronze demarcando os pontos cardeais; o “Europeu”, constituído por dois espaços distintos, simula um jardim europeu no qual podem ser vistos a “Fonte Francesa” (um chafariz de ferro, doado pelo governo da França no século XIX) e o “Pergolado Romano”, ambos fazendo parte de um conjunto paisagístico, com ciprestes e arbustos esculpidos, sugerindo ao visitante a bela paisagem da Europa; e por último o recanto “Chinês ou Oriental”, no qual está o “Templo de Buda” – um pagode contendo uma escultura de Buda e colunas orientais, onde há uma miniatura do vulcão Fuji-Yama, além de um lago com a

forma de um dragão (MACEDO, 1968; SILVA, 1943).

Cada um destes espaços tem as suas particularidades, em especial quanto à maneira como foram idealizados e à ocupação que tiveram por parte da população que os frequentava. Se antes eram afastados das partes mais movimentadas do Parque Farroupilha para, justamente, serem espaços voltados à meditação, silêncio e descanso (NECCHI, 1995), nos dias de hoje tais recantos são considerados locais não seguros por causa de seu isolamento, tendo, assim, sua utilização bastante limitada.

No meio de tantos espaços está o Auditório Araújo Viana, que, além de se constituir numa construção de grandes dimensões, chama a atenção por ser um dos poucos locais destinados especialmente a manifestações culturais, principalmente musicais. Outrora localizado no centro de Porto Alegre, o Auditório foi transferido para as dependências do Parque Farroupilha na década de 1960. Inicialmente planejado para comportar atividades ao ar livre, recebeu uma cobertura no ano de 1996, aspecto que potencializou a sua utilização. Além disso, pelas sobreposições de projetos e pelo fato de se constituir como um fragmento de outra época inserido no tecido urbano de Porto Alegre, os usuários interagem com esse espaço e o adaptam às necessidades atuais (OLIVEIRA; LUZ, 2000). Dos 69 hectares doados em 1807, restam ao Parque Farroupilha 42,5 hectares, o que representa 60,54% da área inicial (MACEDO, 1973).

Por fim, em cinco de março de 1956 foi apresentado um projeto de lei que impede novas doações ou cessões desta área para qualquer fim. Este projeto foi aprovado em dois de abril de 1956 sob o número 1.582, quando era prefeito o senhor Leonel Brizola, assegurando assim a possibilidade de ocupação de tal área de lazer pela a população da cidade e ao mesmo tempo preservando a história de sua gente e de seu espaço, através da preservação do Parque Farroupilha (MACEDO, 1968).

Depois de todas essas transformações e eventos, é possível percebermos, ao longo de sua trajetória, a relevância do espaço como área de lazer para a população porto-alegrense. Diante da importância desses fatos, o Parque Farroupilha foi tombado como patrimônio

histórico em 01 de junho de 1997, uma década antes de completar 200 anos a serviço da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idéia de estudar o Parque Farroupilha vem do interesse de aprofundar os conhecimentos no que se refere a espaços urbanos, sobretudo àqueles que se constituíram em espaços públicos de lazer. Sendo assim, podemos perceber que a cidade não é simplesmente um fato, algo isolado e estagnado no tempo, mas sim, é vista como objeto de análise e tema de reflexões, caracterizando-se como desafio e objeto de questionamento para quem a estuda. Para este trabalho, optamos por estudar apenas uma parte da cidade de Porto Alegre – o Parque Farroupilha - que nada deixa a desejar em relação aos referidos questionamentos e desafios que a própria cidade oferece. Possuindo uma grande dimensão e uma ótima localização, vem se constituindo ao longo de sua história em uma opção constante da população como um espaço privilegiado de lazer.

Como pudemos perceber ao longo do trabalho, a partir do final do século XIX já apareceram várias evidências de preocupação com a área da Várzea e, mais especificamente, com o lazer da população neste espaço. Isso se torna mais claro a partir da construção do velódromo e do circo de touradas nas últimas décadas daquele século, quando a população começa a utilizar o espaço para seu lazer, ali praticando atividades esportivas e recreativas.

O Parque Farroupilha sofreu várias transformações até se tornar área de lazer da cidade. A constituição desse espaço se deu mediante vários melhoramentos implantados na área, tendo em vista as exposições e outros eventos. Neste contexto destaca-se a Exposição de 1901, que ocorreu quando o espaço começou a ser ajardinado, e também o plano de melhoramentos elaborado em 1914 pelo arquiteto João Moreira Maciel, o qual, ainda que inspirador de grandes mudanças, acabou não sendo utilizado nas alterações feitas no local. Foi na década de 1930 que realmente se realizaram as maiores mudanças na área, projetadas pelo arquiteto e urbanista Alfred Agache. Pensando o Parque Farroupilha de uma maneira total, tal projeto teve a maior influência

para a transformação desse espaço numa área importante de lazer para toda a população de Porto Alegre.

Deve-se ainda ressaltar que, apesar das diversas tentativas de lotear a área hoje abrangida pelo Parque Farroupilha, o desejo da população se mostrou importante, na medida em que ela foi se apropriando e usufruindo dessa área mesmo antes de ser pensada como um espaço a ser construído especificamente para o lazer.

Essa vontade de escolha acarreta diversas consequências, que levam a uma reorganização importante das relações sociais e do espaço. Cada pessoa que frequenta o Parque Farroupilha faz escolhas em relação às pessoas com quem quer se relacionar e aos equipamentos e lugares

específicos que irá utilizar. Com isso há uma reorganização das relações sociais e da ocupação do espaço, algo que não está estagnado, mas se altera a cada dia, a cada instante em que o lugar é ressignificado pelos diferentes grupos de identificação que ali se formam.

Dessa maneira, a relevância que o Parque Farroupilha tem como espaço público e área de lazer da cidade tem sido desenvolvida e percebida até os dias de hoje, fazendo dele um verdadeiro Parque da Cidade. Podemos perceber, ao longo da história, como Porto Alegre estava se organizando como cidade, dando importância à qualidade de vida de sua população ao valorizar e investir também na construção de espaços públicos para o lazer.

DEVELOPMENTAL APPROACH OF GAIT

ABSTRACT

This study tried to analyze the pattern of the fundamental movement gait as subsidy for the understanding of the acquisition of the motor abilities in the childhood. The number of subjects of the study was constituted by 41 children between 3 and 8 years of age from private network of teaching. The instruments used in the research were the total body configuration approach and the cinemetry. The results demonstrated that: most of the children showed developed stage of walking; space-time variables indicated typical behavior in function normalized speed with positive accentuations for the self-selected speed, stride length, step cadence and step length; and negative for stride time. It is concluded that there is a tendency of the development motor levels when related to the normalized speed, children that presented values above 0.40 were found in the mature stage.

Keywords: Child development. Biomechanics. Gait.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, J. **Cidade e História**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BINS, G.; STIGGER, M. Caminho das águas. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS, 14., 2002, Porto Alegre, **Anais ...** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. p. 553.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- COELHO, C. **A várzea de outrora**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1935.
- FEIX, E. **Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: a institucionalização da recreação pública**. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento)-Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- FRANCO, Sérgio. **Porto Alegre: guia histórico**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.
- ISABELLE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)**. Porto Alegre: Museu Júlio de Castilhos, Seção do Arquivo Histórico, 1946.

- LUZ, L. **Parque Farroupilha: composição e caráter de um jardim público de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.
- MACEDO, F. **Porto Alegre: história de vida da cidade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1973.
- MACEDO, F. **Porto Alegre: origem e crescimento**. Porto Alegre: [s.n.], 1968.
- MAZO, Janice. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto)-Universidade do Porto, Porto, 2003.
- MENEGAT, Rualdo (Coord.). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- NECCHI, V. Redenção tem recantos especiais há 60 anos. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, p. 48, n.19, 1995.
- OLIVEIRA, A.; LUZ, L. Lazer e Cidadania. **Revista AU**, São Paulo, p. 69-72, out./nov. 2000.
- PESAVENTO, S. (Coord.). **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999a.

PESAVENTO, S. **O imaginário da cidade, visões literárias do urbano**: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999b.

RÉMY, J.; VOYÉ, L. **A cidade**: rumo a uma nova definição? Porto: Edições Afrontamento, 1992.

SANMARTIN, O. **Um ciclo de cultura social**. Porto Alegre: Sulina, 1969.

SENNET, R. **Carne y piedra**: el cuerpo y la ciudad en la civilización occidental. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

SILVA, J. **Um plano de urbanização**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1943.

SOUZA, C.; MULLER, D. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1997.

SPALDING, W. **Pequena história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Sulina, 1967.

Recebido em 05/08/2009

Revisado em 18/12/2009

Aceito em 17/01/2010

Endereço para correspondência: Marco Paulo Stigger. Rua Afonso Taunay 193 apto 802, CEP 90520.540, Porto Alegre-RS, Brasil. E-mail: stigger@adufgrs.ufrgs.br